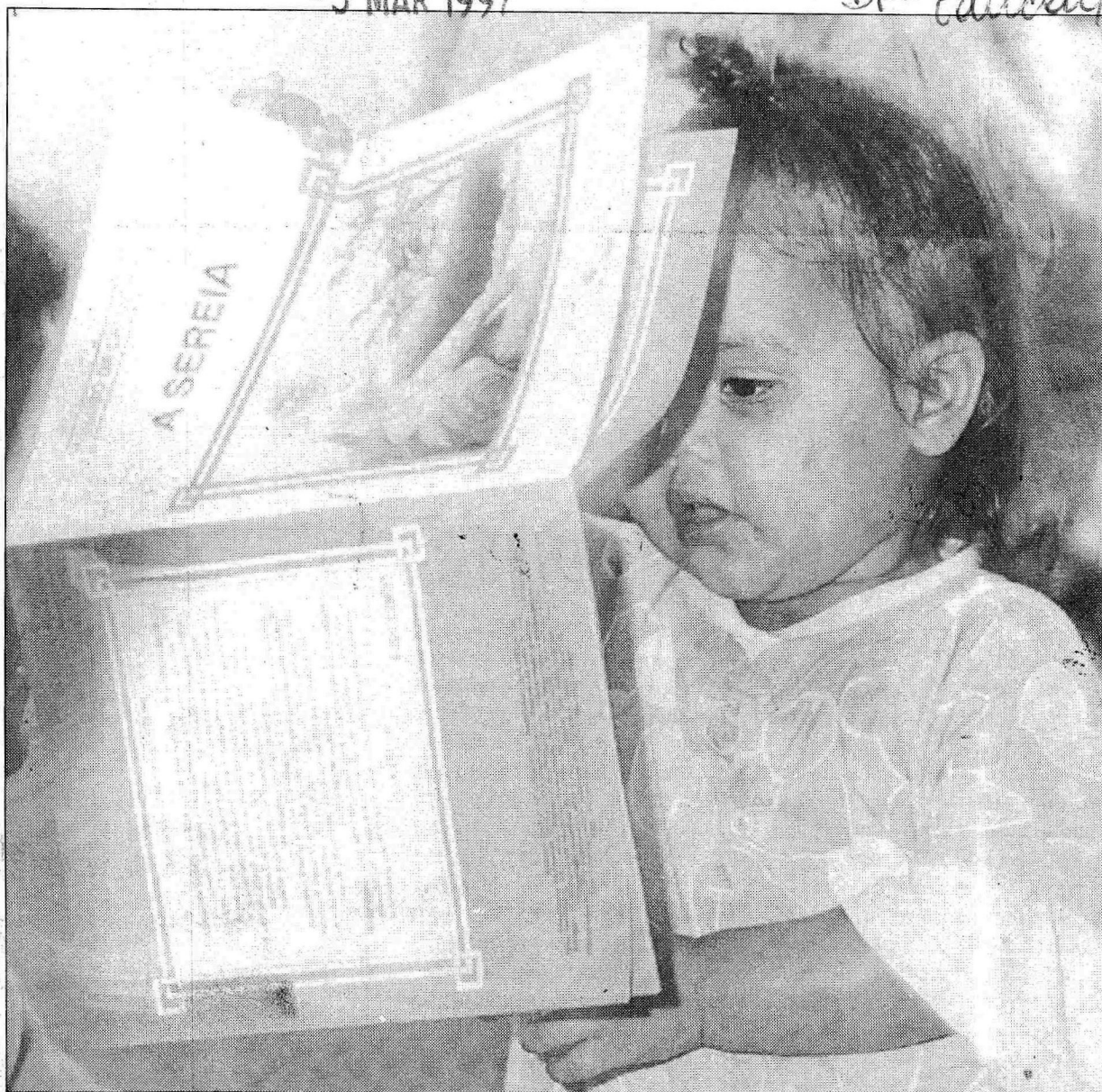


Surge o golpe da Bolsa-Escola

-5 MAR 1997

DF - Educação

MONICA BISI



Professor adverte que além de caros, os livros oferecidos pelos "vendedores" são inúteis para o aluno

A Bolsa-Escola, orgulho do governador Cristovam Buarque, acaba de ser descoberta pelos espertalhões. Semana passada, a dona de casa Maria Pedro de Souza, que sustenta quatro filhos com o salário repassado pelo GDF, teve de comprar livros de um vendedor, que se apresentou como representante do Centro Cultural do Livro. Argumento do vendedor: se não comprasse perderia a bolsa. Com medo, Maria Pedro assinou uma promissória para pagar cinco parcelas de R\$ 28 pela compra dos livros.

A diretora da escola 61, da Ceilândia, Márcia Valéria da Silva, recebeu vários telefonemas de mães contando o que estava acontecendo. Os vendedores se faziam passar por "representantes" da Bolsa-Escola e, além disso, usavam o nome da diretora para convencer os pais de que a compra dos livros era uma exigência da escola.

Antônia Bráz de Souza também recebeu a visita de um vendedor, mas achou que os livros eram muito caros e não comprou. "Eu fiquei morrendo de medo porque o vendedor disse que eu não ia mais receber o dinheiro. Achei até que ele fosse me bater", contou. Chorando, ela ligou para o centro de ensino e foi tranquilizada pela diretora.

Inutilidade- Márcia Valéria da Silva disse que os livros vendidos, além de caros, não têm utilidade para quem os comprou. "Eles venderam livros de Literatura Infantil, Medicina do Lar e até mesmo preparatórios para vestibular. São livros de

capa dura, parecidos com enciclopédia. Para que uma mãe vai comprar um livro desses para os seus filhos que estão na 4ª série?", indagou a diretora.

Ela esclareceu que a escola 61 adquiriu mil livros neste ano para completar a biblioteca e que a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) fornece o material didático necessário para o aprendizado dos alunos.

Para que outros pais não sejam induzidos a comprar livros, a escola mandou uma circular comunicando o golpe. Três das dez pessoas que foram enganadas procuraram a 1ª DP (Ceilândia) para prestar queixa.

De acordo com o delegado Francisco de Assis Barreiro Crisanto, o dono e os funcionários do estabelecimento vão ser intimados a depor. Se for comprovada a extorsão, os responsáveis podem pegar de quatro a dez anos de prisão.

Bobagem- O proprietário do Centro Cultural do Livro, José de Oliveira Souza, disse que o argumento usado pelos vendedores foi uma "bobagem". Segundo ele, esses funcionários trabalham com vendas há dez dias e ainda estão aprendendo. "Erros todos nós cometemos. Eu chamei a atenção deles e isso não vai mais acontecer", argumentou Souza.

Indagado sobre o que ele achava de uma mãe pagar R\$ 140 pela compra de livros, ganhando apenas R\$ 100 por mês, ele respondeu: "Quem sou eu para julgar o que as pessoas fazem com seu dinheiro?". Souza garantiu que as pessoas que se sentiram lesadas podem procurá-lo para devolver os livros e cancelar o pagamento das promissórias.